
Relações de poder no uso da tecnologia e influências nos modos de subjetividade contemporâneos

Wanderson Diego Bramé¹
Ramiz Candeloro Pedroso de Moraes
Centro Universitário UNIFAFIBE

RESUMO: Estudar as relações de poder pode ser uma maneira eficiente e parcimoniosa para se entender os problemas sociais atuais, uma vez que a maioria deles, se não todos, estão relacionados com a busca pela dominação, como violência, abusos, discriminação, etc. Nesse sentido, existe a necessidade de conectar o tema com instâncias contemporâneas, atualizando seus estudos e compreensões sobre o indivíduo atual. Desta forma, o presente estudo teve como objetivo pesquisar e discutir como as relações de poder na tecnologia influenciam na produção de subjetividade no mundo contemporâneo. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica não sistemática nas bases de indexação de artigos científicos online Scielo, BVS-Psi e BDTD, bem como leituras de referência. Como aporte teórico foram utilizados os estudos de Michel Foucault sobre poder e a Psicologia Histórico-Cultural. Concluiu-se que as Tecnologias da Informação e Comunicação possuem elementos que podem influenciar na produção de subjetividades alienadas, servindo como ferramentas de manutenção das relações de poder dominantes. Porém, por outro lado, as TIC's permitem um uso mais democrático de seus instrumentos, possibilitando o acesso à informação e auxiliando na busca por objetivos e propósitos mais autênticos, consequentemente contribuindo para subjetividades críticas e para a resistência nas relações de poder dominante.

Palavras-chave: Psicologia histórico-cultural, Tecnologias da Informação e Comunicação, TIC's.

POWER RELATIONS IN THE USE OF TECHNOLOGY AND INFLUENCES IN CONTEMPORARY MODES OF SUBJECTIVITY

ABSTRACT: Studying power relations can be an efficient and parsimonious way to understand current social problems, since most, if not all, of them are related to the pursuit of domination, such as violence, abuse, discrimination, etc. In this sense, there is a need to connect the theme with contemporary instances, updating their studies and understandings about the current individual. Thus, the present study aimed to investigate and discuss how power relations in technology influence the production of subjectivity in the contemporary world. A non-systematic bibliographic research was carried out in the online databases Scielo, BVS-Psi and BDTD, as well as reference readings. As a theoretical contribution were used the studies of Michel Foucault on power and Historical-Cultural Psychology. It was concluded that Information and Communication Technologies have elements that can influence the production of alienated subjectivities, serving as maintenance tools of dominant power relations. However, on the other hand, ICTs allow a more democratic use of their instruments, enabling access to information and aiding in the search for more authentic objectives and purposes, consequently contributing to critical subjectivities and resistance in dominant power relations.

Keywords: Cultural-historical psychology, Information and communication technologies, ICT.

¹ Wanderson Diego Bramé. End. Eletrônico: wandersonbrame@hotmail.com

Introdução

Partindo do princípio de que as relações de poder são presentes em grande parte dos problemas sociais existentes – violência, abusos, preconceito, discriminação, injustiça social, entre outros – bem como compõe historicamente a noção de sociedade contemporânea e seu *modus operandi*, analisá-las torna-se uma maneira parcimoniosa de atingir diversos âmbitos do ser humano como objeto de estudo.

Conforme Foucault (2001, p.6), o poder está espalhado entre as relações humanas, desde grandes instâncias de manutenção até o dia-dia de qualquer pessoa. Ou seja, toda relação é uma relação de poder. Sendo assim, as relações de poder estão incutidas em todas as importâncias conhecidas. Entre elas estão a história da humanidade, organização social atual e formação de identidade, ou melhor, subjetividade.

A noção de subjetivo diz respeito a algo próprio de alguém, individual. Ou seja, a subjetividade pode ser entendida, de uma forma simples, como conjunto de sentidos e significados que uma pessoa atribui a tudo e todos que estão presentes no mundo. Porém, cabe ressaltar que a subjetividade humana e sua constituição é algo extremamente difícil de ser analisada e conceituada, pois envolve uma conjuntura complexa de aspectos dinâmicos e em constante mutação. Além disso, a ciência possui diversas maneiras de abordá-la.

No presente trabalho, faz-se uso da teoria da Psicologia Histórico-Cultural e sua visão de ser humano único constituído sociohistoricamente. A subjetividade é aqui definida, em resumo, como toda a construção psíquica do sujeito e sua relação com o mundo (Furtado, 2009a, p.88).

De modo geral, são inúmeros os trabalhos envolvendo a subjetividade e as relações de poder. No entanto, ainda são escassas produções que conectem tais conceitos com instâncias do mundo contemporâneo e suas novas especificidades, como a tecnologia, por exemplo.

A era atual se caracteriza por uma configuração em torno informação, da cibernética, informática e eletrônica, que vem transformando constantemente os aspectos da convivência social e o mundo (Levy, 1998, p.4). Pode-se dizer que Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), estão extremamente presentes no dia-dia, compondo

de maneira definitiva o estilo de vida vigente e, conseqüentemente servindo como ferramenta mediadora de novos aprendizados e influenciando diretamente no desenvolvimento humano.

Nesse sentido, produzir conhecimentos que conectem relações de poder, tecnologia e subjetividade humana, é uma forma de atualizar as compreensões sobre organizações, ferramentas e modos atuais de formação de subjetividade.

O presente trabalho teve em vista relacionar as multidisciplinaridades da Psicologia Histórico-Cultural, do conceito foucaultiano de Relações de Poder e estudos acerca da tecnologia, a fim de compreender e discutir como as relações de poder agem na tecnologia e qual suas influências para a formação de subjetividades humanas.

Métodos

Para a realização do presente trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica não sistemática através das bases indexadoras de artigos científicos *Scientific Electronic Library online/Brasil* (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS – Psi Brasil), e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), além de literaturas de referência indicadas por especialistas. Foram utilizadas as palavras-chave “Relações de Poder e Foucault”; “Tecnologia e subjetividade”; “Redes Sociais e identidade”.

Os trabalhos foram selecionados com base na relevância e integração com o assunto proposto aqui, priorizando aqueles que possuíam como tema central o estudo da teoria de Foucault, a relação do autor com a tecnologia ou a Psicologia Histórico-Cultural, assim como estudos que relacionassem diretamente a tecnologia com a formação de subjetividade/identidade e estudos teóricos sobre esta abordagem científica.

Foram selecionados apenas trabalhos em que os instrumentos tecnológicos foram a rede social *Facebook* ou o buscador *Google*. A pesquisa foi dividida em três partes: pesquisa e leitura preliminar dos trabalhos, resultando na eleição dos arquivos utilizados; leitura na íntegra, elaboração de fichamentos e organização do conteúdo; análise dos dados e realização do presente artigo.

Resultados e Discussão

A organização dos resultados consiste, primeiramente, em abordar as concepções teóricas e implicações dos estudos de Michel Foucault sobre poder, retoma sua trajetória histórica sobre metodologia, bem como discute seus principais conceitos e a relação entre dominação, resistência e liberdade. No segundo momento, explana-se sobre Psicologia Histórico-Cultural, resgatando seu nascimento, principalmente com Vygotsky, além de debater a contribuição latino-americana, principalmente de Silvia Lane, para a retomada dos estudos desta teoria. Ressalta-se também a importância de uma prática psicológica ligada à realidade brasileira e seu povo, visando o compromisso da profissão com quem mais precisa. Pontua-se também a concepção da teoria acerca da subjetividade. Por fim, expõem-se os trabalhos científicos sobre a utilização da tecnologia que foram encontrados, relacionando com o referencial disposto e debatendo os resultados e reflexões identificadas e levantadas.

O poder em Foucault

Um dos temas nucleares envolvidos com a proposta deste trabalho é o poder. Para esse assunto, usar-se-á a extensa produção de estudos do filósofo francês Michel Foucault, bem como releituras atuais deste autor por outros pesquisadores.

Foucault marcou e ainda marca profundamente a perspectiva de mundo, principalmente com trabalhos sobre poder, loucura, subjetividade e saber. Foi um pesquisador demasiadamente completo, que envolveu múltiplos campos de estudo e se tornou referência nos mesmos, como História, Psicologia, Filosofia, Direito e envolveu em suas discussões inúmeras ideais e campos teóricos, criando uma espécie de mistura cultural e transversal que perpassa a Psicanálise, Fenomenologia, Marxismo, Estruturalismo entre outros (Eizirik, 2006, p.24).

Durante sua história, passou por mais de um momento metodológico, caracterizando três momentos cronológicos com métodos distintos: Arqueologia, Genealogia e Ética (Veiga-Neto, 2003, p. 43).

O método arqueológico norteou seus primeiros estudos e consistia na preocupação com as regras que regiam o pensamento e o discurso, porém analisando questões mais técnicas e internas, enfatizando o *como* e a prevalência da teoria sobre a

prática e sobre as instituições (Veiga-Neto, 2003, p.43; Eizirik, 2006, p.25).

No segundo momento histórico de seus métodos, Foucault, influenciado por Nietzsche, chegou à genealogia (Foucault, 2001, p.12).

De acordo com Lemos e Cardoso Júnior (2009, p. 354), tal conceito critica a maneira na qual eram realizados os estudos históricos, com relações causais entre acontecimentos, explicações lineares e uma noção de história organizada. Para Foucault (2001, p.12) a história foge a essas relações graduais, seria algo mais nebuloso, cheio de idas e vindas e erros, a genealogia se preocupa menos com a "origem" da história, menos com os grandes acontecimentos e mais com as menores verdades. Por isso exigiria um trabalho exaustivo, com grande montante de material e minúcias do saber. "A genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos" (Foucault, 2001, p. 15). Ademais, segundo Eizirik (2006, p. 26), a genealogia nasce com a proposta de entender e redescobrir as resistências, relacionar o saber clássico com aquele que é periférico, feito no dia-dia, é a busca da completude que envolve o saber histórico das lutas.

Por fim, o autor baseava seus estudos somando a preocupação no método genealógico com a prioridade na relação do poder-saber, assim como na construção da subjetividade humana (Lemos & Cardoso Junior, 2009, p.353).

É através desses estudos meticolosos do sujeito que Foucault inferiu e procurou demonstrar que o poder não estaria concentrado em uma instância em si, não é algo unitário e imutável, tampouco condensado em um local ou pessoa, mas sim uma rede flutuante, espalhada pelas relações humanas, que está em constante mutação, ou seja, o poder seria um exercício, uma prática, é constituída de ações sobre ações (Machado, 2001, p.10; Santana Sobrinho, 2011, p.13).

O poder então estaria incutido nos meandros das mais variadas relações humanas, distanciando da ideia de que seria algo exclusivo ou concentrado no estado, ou seja, existem outras instâncias que exercem grande manutenção do poder e que não estão necessariamente ligadas diretamente ao governo, como a Medicina e a Psiquiatria, o saber e a sexualidade (Machado, 2001, p.11; Eizirik, 2006, p.27). Vale ressaltar que, mesmo não sendo diretamente ligadas ao Estado, essas instâncias estão sujeitas às condições políticas, logo se pode

dizer que perpassam sim pela influência, mesmo que parcial, do Estado.

Tal microfísica do poder pode ser dividida em dois tipos de prática. Uma a nível micro, que acontece de maneira mais direta, visível, que atinge diretamente o corpo e a realidade concreta do indivíduo, com o controle da sexualidade, por exemplo. E outra a nível macro que estaria em todos os lugares, seria algo mais dirigido ao campo social, à população de forma geral. Tais concepções não são opostas, se complementam reciprocamente (Santana Sobrinho, 2011, p.39; Machado, 2001, p.14).

Partindo das análises desses níveis do exercício do poder, Foucault estudou uma prática específica que chamou de *Poder Disciplinar* (Foucault, 2010, p. 242). Uma maneira mais incisiva de obter o controle, de se adestrar o ser humano para encaixá-lo nos padrões necessários e torná-lo mais útil e produtivo. Esse tipo de exercício de poder é muito utilizado em instituições como escolas, presídios, hospitais psiquiátricos e indústrias (Machado, 2001, p.17; Santana Sobrinho, 2011, p.19; Eizirik, 2006, p.26).

Baseado no modelo disciplinar chamado de Panopticon de Bentham Passos (2010, p.238) e Machado (2001, p.17), Foucault estabeleceu alguns seguimentos básicos para o exercício técnico do poder disciplinar propriamente dito: primeiramente a disciplina seria alcançada através do controle espacial, em que os indivíduos seriam espalhados cada um em seu espaço, de maneira individualista e classificatória.

Em segundo lugar seria necessário o controle temporal das ações, reservando hora de estudo, de recreação, iniciar e terminar determinadas atividades, estimulando o máximo de produção e eficácia para cada atividade.

A terceira característica é a vigilância minuciosa, ou exame, não exercida de maneira fragmentada, mas total, em que todos os envolvidos são convencidos que ela exista em toda a extensão e são persuadidos a fazerem parte dela. É uma espécie de vigilância sem ser vista, fundindo o dever do policiamento justamente àquele que precisa ser policiado (Foucault, 2010, p. 241; Eizirik, 2006, p. 26; Machado, 2001, p.17). Nota-se que o terceiro aspecto do poder disciplinar é um tanto quanto profundo e complexo em relação aos primeiros que podem ser facilmente observados.

É relevante salientar que para atingir o objetivo de controle social e dominação da pessoa, o

poder não pune apenas. Para alcançar seus objetivos ele também precisa reforçar, fornecer, mesmo que aos poucos, satisfação dentro de sua estrutura (Eizirik, 2006, p.27).

Partindo dessa concepção sobre algo nebuloso e incutido no macro e micro relações da humanidade, vê-se que o poder não é algo binário, que mesmo que resulta da busca de dominação de um com o outro, foge, ou melhor, complementa a divisão grossa de classes (Foucault, 2010, p.235; Machado, 2001, p.15). Ele é mais íntimo, mais permeável, o trabalhador que é oprimido pelo seu patrão pode ser o opressor da esposa dentro de casa, ou seja, é complexo sintetizar as características uniformes do poder de maneira concreta, afinal ao mesmo tempo em que ele dificulta, também facilita, sempre que limita uma ponta da relação, também serve para ampliar a outra.

Por esse motivo, a luta contra a dominação só pode ser exercida dentro das relações de poder. Não há outro meio de se obter liberdade, se não for resistindo ao controle. Ela não vem de instituições, pessoas ou do livre-arbítrio e por mais que existam limitações condicionadas impostas pelo mundo contemporâneo e suas instâncias, a liberdade é, assim como a dominação, uma ação, uma prática, um exercício e é também construída (Machado, 2001, p.16; Sampaio, 2011, p.226).

Logo, pode-se dizer que a resistência é inerente ao exercício do poder, é necessário para que ela exista, tanto quanto a dominação. O poder então seria a amálgama entre relações que pretendem a dominação e outras que buscam resistir.

Psicologia Histórico-Cultural

Enquanto base teórica, este trabalho adota a Psicologia Histórico-Cultural, também conhecida como Psicologia Sócio-Histórica, que tem como seus principais precursores os autores russos Alexis N. Leontiev (1903-1979), Alexander R. Luria (1902-1977) e, principalmente, Lev S. Vygotsky (1896-1934) (Furtado, 2009a, p.75). Ressaltar-se-á também a contribuição contemporânea de autores latino-americanos sobre a perspectiva histórico-cultural. No entanto, cabe, antes de tudo, retomar a história e o contexto que essa visão nasce.

As ideias de Vygotsky se iniciam perante uma realidade científica psicológica em crise, na qual ele acreditava que as teorias existentes na época, Psicologia - Saberes & Práticas, n.2, v.1, 135-144, 2018.

pautadas basicamente na dualidade entre a concepção behaviorista de estímulo-resposta e os estudos gestaltistas, não conseguiram desenvolver ferramentas para explicar a natureza humana de maneira suficiente e os processos psicológicos superiores (Cole & Scribner, 1998, p.9; Lucci, 2006, p.3). Diante disso, o autor propôs a ideia ambiciosa de buscar uma psicologia que conseguisse esclarecer os processos psicológicos superiores, incluindo identificar os meios cognitivos que provinham de uma determinada função, explanar detalhadamente seu desenvolvimento e incluir a importância do contexto social em que se desenvolve o comportamento e o ser humano (Cole & Scribner, 1998, p.10).

É importante dizer ainda que o autor desenvolveu seus estudos diante de um contexto caótico de revolução e pós-revolução russa de 1917, o que influenciou, inclusive, na contração de tuberculose e no falecimento precoce de Vygotsky, com apenas 37 anos (Lucci, 2006, p.3). Segundo Couto (2007, p.9), a morte prematura, somada ao período de censura que proibia o uso de suas obras, e de outros pesquisadores, levaram à décadas de anonimato de Vygotsky e de suas ideias. Foi somente por volta dos anos 60, praticamente 30 anos após sua morte, que suas produções foram publicadas em inglês (Newman & Holzman, 2002, p.17), ou seja, para essas publicações foram necessários estudos de sua vida e obra por outros autores (Cole & Scribner, 1998, 1998, p.12).

Além do mais, atualmente pode-se dizer que existe um uso equivocado da imagem de Vygotsky, geralmente atribuída à educação e aprendizagem, passando a ideia errada de que o autor concentrava aí seus estudos. No entanto, sua teoria do desenvolvimento e da aprendizagem foi elaborada buscando criar uma teoria geral da psicologia, que conseguisse entender o ser humano como um todo (Vygotsky, 1998, p.80).

Diante dessa crise na psicologia, Vygotsky vê nos conceitos de Marx uma base epistemológica possivelmente mais parcimoniosa e suficiente para abordar o ser humano de maneira total, inspirando assim o desenvolvimento de seus estudos (Lane, 1989, p.15; Rosa, 2016, p. 31). Segundo Cole e Scribner (1998, p.10), ele percebeu nos princípios teórico-metodológicos do materialismo dialético, um meio de resolver os paradoxos que seus colegas patinavam, reconstruindo e redirecionando o desenvolvimento do comportamento e da consciência humana, enfatizando que os fenômenos

são relacionais e estão sempre em movimento e mudança.

Esmiúça essa relação através da linguagem, afinal é por ela que a construção histórica e social é permitida, passando pelos anos tudo o que foi produzido. É a aquisição dos símbolos usados para nos comunicar que permite a mediação do homem com o mundo, possibilitando ainda o desenvolvimento de *sentido* e conseqüentemente dos processos psicológicos superiores (Rosa, 2016, p.61). No ponto de vista de Luria, foi através do uso das ferramentas que o homem pôde, a princípio, ser mudado e mudar seu ambiente (Furtado, 2009a, p.76). Leontiev argumenta também que por meio do trabalho o homem se organizou e se diferenciou dos animais, criando a sociedade como vemos hoje (Furtado, 2009a, p.79).

Note-se que a concepção da relação dialética entre objeto transformado e papel ativo da transformação permitiu olhar o humano em uma nova perspectiva, mais total e fidedigna com a realidade. Contudo, para isso Vygotsky encontrou dificuldades metodológicas e precisou inovar um pensamento metodológico sobre pesquisa em Psicologia (Lucci, 2006, p.6).

Embora ele tenha inspirado fortemente sua epistemologia em Marx, Vygotsky defendia que a psicologia dialética não deveria ser uma simples transposição do marxismo, inclusive se opôs a outros autores russos que tentaram fazer isso, como Kornilov, por exemplo, (Cole & Scribner, 1998, p.10). Vygotsky entendia que só seria possível abranger de maneira total os processos psicológicos superiores e as transformações do indivíduo, através da compreensão de sua história e de seu desenvolvimento, sendo ineficaz uma experimentação isolada, comum no positivismo. Para isso, o autor buscou voltar seu foco para a exploração do processo e não necessariamente no desempenho. Criando obstáculos, caminhos alternativos e outras técnicas, inviáveis de serem aprofundadas aqui, a fim de permitir que o sujeito, geralmente criança, expunha seu subjetivo (Cole & Scribner, 1998, p.22).

A Psicologia Histórico-Cultural adota então a responsabilidade pretenciosa de identificar o ser humano em sua totalidade histórica e cultural, uma noção de homem que é produzido pela sua realidade histórica e social, não se esquecendo do papel ativo e transformador que o mesmo homem tem para com o mundo, ou seja, o papel do próprio indivíduo nessa produção (Lane, 1989, p.16). Esmiuçado nos

sentidos que a pessoa atribui às relações pessoais, ações, consciência de si e dos envolvidos, tudo isso expressado pela linguagem (Lane, 1989, p.32).

Furtado (2009b, p.252) argumenta que o caráter da postura crítica é valoroso e chega até a psicologia permitindo autores mais comprometidos com o ser humano como um todo. A abordagem buscou atacar o meio positivista de se fazer ciência, que reproduzia interesses institucionais ligados à manutenção da classe mais favorecida e baseava suas conclusões em pesquisas que isolavam o homem de seu contexto social, negando sua composição cultural e grupal e sua realidade político-econômica, além de praticamente desconsiderar tudo aquilo que foi produzido historicamente. Por esse motivo, muitos pesquisadores buscaram (e ainda buscam) uma maneira mais realista de conceber e intervir junto ao ser humano (Lane, 1989, p.16).

Os teóricos latino-americanos foram importantes para o engajamento e representatividade da psicologia crítica, mais justa e comprometida com a transformação social. Nomes como Ignacio Martín-Baró (1942 – 1989), Paulo Freire (1921 – 1997) e Silvia Lane (1933 – 2006), são apenas alguns dos autores da perspectiva Histórico-Cultural e Crítica na América Latina.

Cabe destacar aqui que, conforme Bock, Ferreira, Gonçalves e Furtado (2007, p.46) o percurso de Silva Lane como precursora no papel de unir a ciência latino-americana por um compromisso crítico e social na psicologia, assumindo a postura de se opor ao meio positivista euro-central não adequado à cultura latino-americana, como visto acima.

Lane hoje é vista como uma das pessoas que encabeçou a retomada das mudanças na maneira em perceber a psicologia e o ser humano. Unindo simplicidade de ideias com rigor científico, consolidou suas problematizações buscando abrir espaço para representatividade de pessoas que antes não possuíam visibilidade dentro da psicologia. A autora influenciou toda uma geração de pesquisadores e contribuiu para mudar os rumos individualistas da ciência psicológica, na qual era em sua grande maioria voltada para atuação clínica (Bock *et al*, 2007, p.49).

Cabe ressaltar que mesmo se opondo ao positivismo, Silvia contemplava a ideia de empirismo, argumentando ser necessária a aproximação dos estudos à realidade humana, complementando que não bastava apenas olhá-la, mas participar, dando

ênfase à práxis como metodologia, pesquisa-ação e pesquisa-participante, afinal o pesquisador, sendo humano, não foge ao caráter dialético de produtor e produto (Lane, 1989, p.18).

Obviamente essa carreira não aconteceu de maneira linear, tampouco sozinha, mas cheia de embaraços, barreiras éticas e políticas na teoria e na prática, esse movimento teve que ocupar espaços, ir à luta quase como uma militância para dar visibilidade ao seu trabalho (Bock *et al*, 2007, p.47).

Sem dúvida a autora marcou com ferrete seu nome na Psicologia Social e na Psicologia Histórico-Cultural, contribuindo para uma maneira de psicologia que se mostra presente, avançando na luta pela resistência e em buscar diminuir as desigualdades sociais, permitindo pensar em ferramentas e discussões que dessem representatividade e visibilidade àqueles que precisam.

Visto o exposto, nota-se o quão complexo é a subjetividade humana, por se organizar em configurações e processos constantemente movimentados e por depender simultaneamente do sistema em que está inserida, uma sociedade igualmente complexa (Furtado, 2009a, p.89).

Sendo assim, o sujeito é, então, um indivíduo singular construído através de sua dinâmica social, sua base material e seus valores definidos no campo da socialização e cultura, com papel ativo e transformador da realidade em que está consciente ou não disso (Furtado, 2009a, p.89).

Tecnologia, poder e subjetividade

Para complementar a visão de subjetividade, cabe utilizar o estudo de Martins (1975) acerca da cultura caipira. Para o autor, antigamente as tradições do campo tinham como função, entre outras coisas, a expressão de um povo e sua socialização (Martins, 1975, p. 112). Com o passar do tempo e a transformação do mundo capitalista, essa cultura foi transformada em produto. No entanto, essa transformação não ocorreu de maneira direta, mas sim aos poucos, através da linguagem da mídia e das transformações sociais, como a urbanização (Martins, 1975, p.161). Desta forma, Martins demonstra que a linguagem inserida por quem detém a dominação redefine e incorpora toda uma relação cultural, impondo suas necessidades de maneira sutil, não direta, transformando e convencendo os valores do indivíduo. Em outras palavras, faz com que o sujeito acredite não estar

Psicologia - Saberes & Práticas, n.2, v.1, 135-144, 2018.

alienado, justamente por estar alienado, gosta e defende isso. Esta apropriação cultural é um movimento claro da manutenção das relações de poder dominante, exemplificando diretamente a constituição e influência do campo social na construção da subjetividade (Furtado, 2009a, p.87).

Segundo Levy (1998, p.4), as TIC's, principalmente a *internet*, vêm causando uma revolução na forma de se relacionar com o mundo, bem como no ensino-aprendizagem. Os buscadores de *internet* e a acessibilidade à rede mundial de computadores permitiram uma democratização no acesso à informação. Porém, nota-se um uso complexo dos equipamentos tecnológicos que resultam na predominância de fins exclusivamente de entretenimento e consumo. Tais fatores são relevantes, contudo é evidente que as tecnologias da informação e comunicação dispõem de potencial muito além.

Em uma pesquisa realizada por Eto (2001, p.125) sobre a relação do uso de internet e a construção da personalidade de adolescentes, percebeu-se que os participantes não conseguiram equilibrar e limitar o uso do computador de uma maneira saudável, deixando-se fascinar diante das novas possibilidades e chegando a prejudicar aspectos sociais da rotina dos jovens, principalmente no que diz respeito à convivência social e autoimagem. Eto (2001, p.126) conclui então que o uso excessivo da *internet* pode servir como forte influência na construção de sujeitos alienados, distanciando-os das vivências esperadas para a fase da adolescência e deformando a percepção sobre si mesmo, esteticamente e existencialmente falando.

Essa fascinação citada pelo autor pode ter origem nas estratégias criadas pelas empresas a fim de manterem os usuários consumindo cada vez mais e por mais tempo seus produtos e ferramentas. Silva (2013, p.67) fala da corrida publicitária que envolve as mídias digitais por conta da rapidez de alterações que o público alvo sofre sobre através de sua participação, envolvimento e comportamento.

A corrida ao qual o autor se refere evidencia os esforços feitos pela indústria em explorar as possibilidades inéditas aos quais os avanços tecnológicos dispõem. Essas oportunidades não se restringem ao campo tecnológico, mas principalmente à dificuldade de acompanhar a complexidade desses avanços no que diz respeito a outros âmbitos como, por exemplo, o direito e a legislação que controla e restringe a exploração publicitária, ou mesmo ao

pouco preparo que a maioria dos usuários possuem quando adentram às novidades.

Além disso, as empresas como *Google* e *Facebook*, sob a alegação de oferecer o "melhor resultado", utilizam algoritmos que direcionam a utilização de seus clientes, tomando decisões pelos indivíduos, categorizando-os e oferecendo caminhos sempre semelhantes aos já apresentados. Essa vigilância digital acaba criando o chamado filtro bolha, em que o utilizador dificilmente vai entrar em contato com dinâmicas diferentes de sua zona de conforto virtual, o que implica em ignorar totalmente questões diversas da subjetividade humana, passando por cima de características individuais e diversidades, reduzindo o ser humano a um produto (Fava, 2015, p.15).

Ademais, segundo Rosa (2012, p.51), a Rede Social *Facebook* é comumente utilizada para diversos fins, desde buscar relacionamentos e interações, promover negócios ou pessoas, levantar bandeiras e ativismos, realizar discussões sobre temas atuais e expressar emoções. O autor também toca em um assunto interessante, demonstrando que os usuários do *Facebook* muitas vezes possuem medo de utiliza-lo, por excesso de exposição, consequências na vida profissional ou violência (sequestros, roubos, perseguições ou golpes) (Rosa, 2012, p.75). Além disso, Sousa e Leão (2016, p.286) chamam atenção para os conflitos, discussões, ofensas, ataques e ameaças que existem no *Facebook*.

Nota-se que as ferramentas descritas possuem problemas e podem causar danos para os usuários, que mesmo assim continuam utilizando-as, demonstrando que o que mantém o uso são os aspectos reforçadores das ferramentas, o que, somado ao número de conflitos e discordâncias exacerbadas faz refletir sobre a noção de *exame* e do poder disciplinar encontrados em Foucault, já expressados aqui, em que o conceito de certo e errado aparece repetidamente, fazendo-se com que o vigilante e o vigilado sejam o mesmo. Vale ressaltar como o *exame* é especialmente meticuloso e até um tanto quanto abstrato, acontecendo de maneira praticamente invisível e pouco palpável.

Através do direcionamento forçado dos resultados, do excesso de publicidade e das adversidades encontradas em relação existentes no ambiente virtual, pode-se dizer que o que acontece nas TIC's, não é diferente do que aconteceu no exemplo com a Cultura Caipira. Por nascerem como próprio produto do capitalismo, as redes sociais,

jogos eletrônicos, portais, etc, são objetos de consumo, e já surgem com o intuito natural (não necessariamente proposital) de impor singelamente a linguagem de um dispositivo disciplinar, servindo como manutenção e produção de subjetividades alienadas, dominadas e mais produtivas, inclusive muito parecido com o uso da TV e de outras mídias que compõem a indústria cultural (Coelho, 1989, p.18).

Porém, no tocante às TIC's, cabe enfatizar que, diferentemente de outras mídias, mesmo com o direcionamento dos resultados imposto pelas empresas, existe a possibilidade de encaminhar o uso de acordo com a preferência do indivíduo, ainda que aparentemente pouco aproveitada até então. Através da *internet*, um número maior de pessoas possui voz e acesso a informação, desde nível básico até níveis avançados, permitindo caminhos para alcançar objetivos e sonhos, discutir problemas existentes e significar conceitos de maneira mais completa e total. Nesse sentido, partindo da noção de que a resistência à dominação e a busca pela liberdade não podem ser realizadas em outra instância se não as próprias relações de poder. A tecnologia, ao mesmo tempo em que serve como ferramenta de manutenção das relações dominantes, também abre grandes portas para ser aproveitada como fonte de resistência e, conseqüentemente a construção de subjetividades mais potentes, livres, consistentes e autênticas.

Considerações Finais

O trabalho faz perceber que o exercício das relações de poder na tecnologia pode contribuir para a produção e manutenção de subjetividades alienadas, nas quais são mantidas através de reforçadores incutidos na comunicação utilizada com os usuários. Linguagem essa que aparentemente é singelamente distribuída pelos produtores dos aparatos tecnológicos e serve como dispositivo de manutenção das relações dominantes já existentes e sua hegemonia nas quais as únicas alterações possibilitadas são predominantemente nepotistas.

Por outro lado, ressalta-se que a tecnologia, diferente de outras mídias, possui a possibilidade do uso mais democrático, servindo também como uma possível ferramenta de resistência e contribuindo para subjetividades críticas.

Diante da complexidade do tema abordado, cabe esclarecer que o presente artigo não teve como

objetivo, sequer seria possível, chegar à conclusões e respostas palpáveis e concretas sobre o assunto. Uma vez que a subjetividade é um tema impossível de tratar de maneira definitiva, pois depende de variáveis complexas que são impossíveis de serem definidas. Além disso, a tecnologia, por mais que seja considerada uma ciência exata, se mantém em constante movimento, e cada vez mais rápido, dificultando a tarefa de realizar um trabalho sem torná-lo datado.

Nesse sentido, o presente artigo teve, acima de tudo, o objetivo de levantar questionamentos, contribuindo com o compromisso de refletir e exercer a crítica diante das mudanças que o mundo contemporâneo traz.

Por fim, arrisca-se enfatizar a necessidade das ciências humanas em atualizar suas análises e acompanhar, ou pelo menos tentar, as tão rápidas transformações que compõem o campo social, suas ferramentas e relações junto à subjetividade humana e sua organização nos diversos níveis.

Referências

- Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (Orgs.). (2009). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. (4a ed.). São Paulo, SP: Cortez Editora.
- Coelho, T. (1989). *O que é indústria cultural*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Cole, M., & Scribner, S. (1998). Introdução. In L. S. Vygotsky. *A formação social da mente* (pp. 3-19). (6a ed). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Couto, L. P. (2007). *Práxis pedagógica Sócio-Histórica: uma análise da atividade docente*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Recuperado de <https://goo.gl/yoMiFs>
- Eizirik, M. F. (2006). Poder, Saber e Práticas Sociais. *PSICO*, 37(1), 23-29. Recuperado de <https://goo.gl/YNbnon>
- Eto, L. F. (2001). *Internet e personalidade. O perfil da personalidade do adolescente usuário da internet*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina; Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/81652/185268.pdf?sequence=1>
- Fava, G. P. (2015). *O efeito filtro bolha: como dispositivos de vigilância convertem usuários em produtos*. Dissertação de mestrado. Psicologia - Saberes & Práticas, n.2, v.1, 135-144, 2018.

- Universidade Federal de Juiz de Fora. Recuperado de <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1512>
- Foucault, M. (1984-1995). O sujeito e o poder. In H. L. Dreyfus, & P. M. Rabinow. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica (pp. 231-249). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Foucault, M.. (1998) Vigiar e punir história da violência nas prisões (27a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Foucault, M. (2001). Microfísica do poder (16a ed.). 16. ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- Furtado, O (2009b). Psicologia para fazer a crítica, a crítica para fazer a Psicologia. In A. M. Bock, Ana Mercedes Bahia (Org.). *Psicologia e o compromisso social* (2a ed., pp. 241-254). São Paulo, SP: Cortez Editora.
- Furtado, O. (2009a). O psiquismo e a subjetividade social. In A. M. Bock, M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (4a ed., pp 75-94). São Paulo, SP: Cortez Editora.
- Lane, S. T. M., & Codo, W. (Orgs.). (1989). *Psicologia social o homem em movimento* (8a ed.). São Paulo, SP: Editora Brasiliense.
- Lemos, F. C. S., & Cardoso Júnior, H. R. (2009). A Genealogia em Foucault: Uma Trajetória. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 353-357. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a08v21n3.pdf>
- Lucci, M. A. (2015). A Proposta de Vygotsky: a Psicologia Sócio-Histórica. *Professorado. Revista de Curriculum y formación del profesorado*. 10(2), 1-11.
- Machado, R. (2001). Introdução. In M. Foucault. *Microfísica do Poder* (16 a. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- Martins, J. S. (1975). Música sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados. In J. S. Martins. *Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil* (pp 103-161). São Paulo, SP: Pioneira.
- Newman, F., & Holzman, L. (2002). *Lev Vygotsky – cientista revolucionário*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Oliveira Filho, J. F. G. (2014). *As relações entre política e vida: o problema do poder em Hannah Arendt e Michel Foucault* (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Recuperado de <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/11664>
- Passos, I. C. F. (2010). Violência e relações de poder. *Rev Med Minas Gerais*, 20(2), 234-241. Recuperado de <https://goo.gl/aVa8Xp>
- Rodrigues, C. G. (2008). *Foucault: educação e poder* (Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Goiás). Recuperado de <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1265>
- Rosa, G. A. M. (2012). *Facebook: negociação de identidades, medo de se expor e subjetividade* (Dissertação). Universidade Católica de Brasília. Recuperado de <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1801>
- Rosa, L. A. (2017). *Lutar, verbo transitivo: uma perspectiva psicopolítica sobre militantes e educadores do MST*. Curitiba, PR: Editora Prismas.
- Sampaio, S. S. (2011). A Liberdade Como Condição das Relações de Poder em Michel Foucault. *R. Katál*, 14(2), 222-229. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802011000200009
- Santana Sobrinho, A. (2011). *Elementos do poder em Michel Foucault* (Dissertação). Universidade Federal da Paraíba. Recuperado de <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/5598>
- Sawaia, B. B. (2007). Teoria Laneana: a univocidade radical aliada à dialética-materialista na criação da Psicologia Social Histórico-Humana. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 81-89. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000500023&script=sci_abstract&lng=pt
- Silva, D. V. (2013). *A reconfiguração das práticas publicitárias no contexto das mídias digitais* (Dissertação). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. Recuperado de <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/8652>
- Sousa, C. C., & Leão, G. M. P. (2016). Ser jovem e ser aluno: entre a escola e o Facebook.

Educação & realidade, 41(1), 279-302.
Recuperado de
<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/55761/36244>

Veiga-Neto, A. (2003). *Foucault e a educação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Vigotski, L. S. (1998). *A formação social da mente* (6a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Recebido em 31/07/2018

Aceito em 25/09/2018